

O Slam Interescolar: expressão de vozes e corpos de estudantes das periferias¹

Sonia de Deus Rodrigues BERCITO²
Simone Luci PEREIRA³
PPGCOM/ Universidade Paulista - UNIP

RESUMO

O *Slam Interescolar* é realizado com a participação de estudantes de escolas situadas em regiões periféricas da cidade de São Paulo. Este texto analisa e reflete sobre o significado desse evento como expressão cultural de jovens das periferias, como fator de afirmação de suas identidades e de posicionamento social crítico quanto aos principais temas que atravessam sua existência, nas formas de elaborar suas experiências na contemporaneidade entre passado, presente e futuro. Percebemos estas ações culturais juvenis em seus sentidos políticos, expressos não apenas nas letras vocalizadas mas também nas corporalidades ali envolvidas e construídas; estas trazem sentidos de identidades elaboradas entre performances e performatividades, apresentando formas de re-existir destes jovens.

PALAVRAS-CHAVE: culturas urbanas; juventudes; slam; corporalidades; performance

Os *slams* têm se mostrado como potentes formas de expressão juvenis, articulando formas de elaboração do viver urbano, de expressar identidades e dissidências na cidade, a partir dos corpos, das ocupações de espaços, das letras em tom crítico etc. (FERNANDES e HERSCHMANN, 2020; VELOSO et al, 2021; NEVES, 2017). Estas formas culturais elaboradas nos *slams* salientam o quanto a cultura não é mero instrumento para o fazer político, mas é expressão política em si mesma, em suas formas de disputar sentidos e negociar identidades e pertencas, maneiras de ser e se apresentar das juventudes periféricas e em formas de construir resistências e re-existências (ALBAN ACHINTE, 2007; MIGNOLO, 2015; WALSH, 2013).

O objetivo deste trabalho é apresentar reflexões acerca do *Slam de Poesias Interescolar* como expressão cultural de jovens de escolas públicas das periferias de São Paulo. Esta competição entre escolas tem acontecido desde 2015, sem interrupções, nem mesmo em 2020 durante a pandemia da Covid-19 quando foi realizado de forma remota

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Historiadora e Educadora. Pós-Doutoranda no PPG Comunicação da Universidade Paulista – UNIP. Pesquisadora do URBESOM (Grupo de Pesquisa em Culturas Urbanas, Música e Comunicação) - UNIP. Integrante do GT Infância e Juventude da ANPUH. E-mail: soniabercito@gmail.com

³ Pesquisadora do CNPq (Bolsista de Produtividade em Pesquisa). Professora e pesquisadora do PPG Comunicação da Universidade Paulista – UNIP. Possui pós-doutorado em Música, pós-doutorado em Comunicação, pós-doutorado em Ciências Sociais, Niñez y Juventud. E-mail: simonelp@uol.com.br

e transmitido pelo *Youtube* e pelo *Facebook*. Esta última edição é a que analisamos neste artigo.

O *Slam* Interescolar foi criado como um desdobramento da experiência do coletivo *Slam da Guilhermina*, responsável por um dos mais relevantes *poetry slam*'s da cidade de São Paulo, formado por Emerson Alcalde, Uilian Chapéu, Cristina Assunção e Rodrigo Mota. Esse evento passou a contar, a partir de 2019, com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo por meio de edital que contemplou o projeto “Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas”. Como fenômeno de poesia oral e performática, esse tipo de competição tem se expandido nos centros urbanos do Sudeste brasileiro e em outros estados.

Expressão cultural de jovens desde o pioneiro ZAP (Zona Autônoma da Palavra) da poeta Roberta Estrela D’Alva, o *Slam* penetrou nos meios escolares contando com o apoio de professores especialmente da rede pública de ensino básico. As competições do *Slam* Interescolar de São Paulo vinham ocorrendo ao longo do ano nas escolas com os seus finalistas encaminhados para a batalha que ocorria no seu término em espaços coletivos com a presença de público. O advento da pandemia em 2020 alterou essa organização levando a que o evento ocorresse de forma virtual.

A aderência dos estudantes a esse evento abre diversos caminhos para análise no âmbito dos trabalhos sobre juventudes e culturas juvenis. Entendemos e sublinhamos o seu potencial educativo (assunto para outro artigo em desenvolvimento), mas neste texto buscamos focar no seu significado como expressão cultural na construção das identidades juvenis e em seus processos de resistência e re-existência (ALBAN ACHINTE, 2007; MIGNOLO, 2015; WALSH, 2013). Re-existência aqui é compreendida numa noção alinhada às perspectivas decoloniais, ao entendermos que, mais do que resistência (a negação do poder opressor), em expressões como as dos slams percebemos maneiras de existir, incluindo formas de sentir, pensar e atuar no cotidiano em insurgência, irrupções e ações que podem parecer fragmentárias, mas que buscam formas de conceber outros mundos possíveis.

É importante destacar que o protagonismo e a participação dos jovens têm sido reivindicados em diferentes discursos e narrativas, quer sejam eles oficiais ou presentes em iniciativas de organizações não governamentais dedicadas a promover proteção e promoção social dos jovens em situações de risco ou pobreza. A relevância do protagonismo está relacionada ao reconhecimento dos jovens, ao lado de crianças e

adolescentes, como sujeitos de direitos. A Constituição de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990 promoveram um avanço nesse sentido ao instituírem a necessidade de proteção da infância e juventude e a universalização de direitos fundamentais para esses grupos, tais como acesso à educação, à saúde e à cultura. Esses documentos também contribuíram para o reconhecimento desses grupos em sua condição de cidadãos do presente e não apenas como portadores do futuro. Isso implica numa visão bastante fecunda sobre as crianças e os jovens além dos cuidados que lhe são devidos, como sujeitos de direitos, acrescentando a isso o reconhecimento de que suas vozes importam. Mais do que falar por eles, é preciso que suas vozes sejam ouvidas. O *Slam Interescolar*, em muitos sentidos, se relaciona a esse movimento de encará-los como sujeitos e agentes de suas próprias autorrepresentações (ROCHA e PEREIRA, 2018).

Embora as inscrições para o evento sejam abertas tanto para as escolas públicas quanto para as escolas particulares, os estudantes participantes do certame têm sido predominantemente de escolas públicas localizadas em regiões periféricas – em especial da zona leste da cidade de São Paulo, região de origem do *Slam* da Guilhermina. São jovens com graus diferentes de vulnerabilidade material ou de dificuldades de acesso a bens culturais. Cumpre lembrar que, apesar de um envelhecimento progressivo da população brasileira, crianças e jovens ainda representam número significativo da nossa população, sendo que muitos ainda permanecem fora da escola, em situação de pobreza mais ou menos intensa, mas sempre alarmantes. A isso se soma uma grande exposição à violência, seja indireta ou diretamente. Os números de jovens mortos, em especial negros, são escandalosos em especial nas regiões periféricas dos grandes centros urbanos e isso tudo tem grande importância para compreender a abordagem frequente de questões identitárias e de crítica social nos poemas e performances do *Slam Interescolar*. A relação estreita entre essa expressão cultural e artística com questões sociais que atravessam a vida desses jovens é intensa, enfatizando a cultura como campo de lutas simbólicas e materiais e de sentidos políticos.

“Das ruas para as escolas das escolas para as ruas”

A ideia de criar um evento de *Slam Poetry* dedicado exclusivamente a estudantes, de acordo com Emerson Alcalde, ocorreu a ele quando foi participar como Slammer de uma final internacional em Paris. Ali teria sabido da existência de um certame para escolares trazendo a ideia para cá. Em 2015 realiza-se o primeiro Interescolar de São

Paulo como contrapartida ao edital ganho pelo Slam da Guilhermina; e em 2019 vencem seu próprio edital da prefeitura de São Paulo o que permitiu realizar a sexta edição em 2021 e transferi-la para formato *on-line* em razão do fechamento das escolas com o advento da pandemia do Coronavírus. Desde 2017 o grupo passou a organizar também o Slam Interescolar Nacional, antes sob o comando de grupo de Minas Gerais.

Se o Slam Interescolar foi concebido para acontecer em espaços escolares sob a supervisão de professores e coordenadores, isso não significa que sua vocação fosse se restringir a esses espaços. O seu lema anunciado a cada início de “batalha”, nome das competições – “Das ruas para as escolas das escolas para as ruas” – deixa claro que o que se pretende não se limita aos temas escolares, mas criar pontes entre as escolas e a realidade vivida pelos jovens além de seus muros.

Até 2020, as finais dos eventos haviam sido realizadas em espaços abertos ao público em regiões centrais da cidade tais como o como Centro Cultural Vergueiro, o Teatro Flavio Império e a Galeria Olido. Em 2020, a veiculação das “batalhas” que decidiram os “Slampeões” do certame por meio das mídias sociais trouxe dificuldades técnicas e limitou o alcance performático das apresentações, mas potencializou o alcance do evento permitindo maior participação de competidores e ampliando sua audiência. O esquema de preparação também trouxe mudanças. Os dez poetas formadores responsáveis pelas oficinas oferecidas a professores e alunos que fazem parte da preparação para o evento e as seletivas, tiveram que ser também realizados com uso de recursos *on-line*.

Apesar de aberto a escolas de todo o Estado, a maioria das que participam localizam-se em regiões periféricas da cidade de São Paulo. Das 130 escolas participantes em 2020, por exemplo, apenas 5 eram de fora da cidade. O evento depende muito do envolvimento dos professores que são os responsáveis pelas inscrições das escolas e dos alunos e pela realização local do evento. A rede informal de relacionamentos faz com que haja grande participação de escolas da Zona Leste, base do próprio Slam da Guilhermina. Seguem em número as regiões Sul e Central, com pouca presença da Zona Norte.

Os vínculos existentes entre cultura, participação social e produção de sentido às identidades juvenis e até mesmo seu efeito como forma de proteção a grupos vulneráveis oferecem o contorno necessário para o entendimento da importância de atividades como *Slam Interescolar*. São espaços criativos com caráter transformador para os jovens que assumem uma posição protagônica como sujeitos de direitos a serem defendidos. Como

ressaltam os autores do estudo *Cultura como vetor de proteção*, se referindo a contextos não institucionais: “as expressões culturais de crianças e adolescentes têm sido importantes instrumentos de vocalização de suas demandas, de livre expressão de suas subjetividades e de afirmação das suas identidades socioterritoriais, de idade, de gênero e étnico-raciais.” (CARBAJAL et al, 2019, p.23).

As batalhas do Slam Interescolar revelam isso. Manifestando-se com voz própria, numa noção de autoria (Yudice, 2006), amparados pela palavra e pelas corporalidades que transformam, os jovens estudantes e adolescentes das periferias afirmam seus direitos e produzem sentido e reconhecimento para sua existência social.

O que os poemas revelam

As batalhas de Slam costumam se caracterizar por suas performances e expressões de corporalidades aliadas ao conteúdo verbal dos poemas. Performance aqui entendida em sua dimensão de vocalidade (Zumthor, 1997), a presença da voz em suas múltiplas expressões para além do verbal, algo presente em variadas culturas, na cultura de massas e na cultura midiática e digitais, onde parece que há uma “ressurgência” ou até “insurgência”, um retorno forçado da voz, observado também por outros fenômenos atuais, como a precarização do interesse de certas parcelas juvenis pela escrita e a propulsão tomada pela canção popular, as plataformas digitais e os slams. Voz que implica em um corpo, seu uso, seu engajamento, sua presença, em suas respirações, usos do microfone e da câmera, risos, olhares, entonações, gritos, sussurros, sentimentos expressos. Este engajamento corporal elabora uma teatralidade em que vários elementos se cristalizam em uma complexidade que Zumthor nomeia de *performance* que une texto, voz e gestualidades. Numa performance, toda a ambiência, atmosfera, o todo circunstancial faz parte da obra, não sendo encarada apenas em seu nível semântico ou verbal, mas no todo, que se constitui como forma não fixa e não-estável.

Claro que as performances ao vivo ou presenciais têm esses elementos evidenciados. E percebemos o quanto isso foi prejudicado na edição de 2020 do *Slam Interescolar* ao ser realizado com mediação tecnológica como evento transmitido *on-line*. Apesar do esforço dos Slam Masters que o apresentaram, a falta do calor do público e o posicionamento fixo dos *slamers* em frente às câmeras modificou as possibilidades expressivas. Entretanto, a força poética dos textos, a vivacidade dos jovens na apresentação e a teatralidade própria à noção de performance (TAYLOR, 2003) dos temas

tratados nos poemas mantiveram sua potência, tanto como narrativas pessoais e coletivas de crítica social, como no uso dos corpos como repertórios e arquivos de culturas, de experiências vividas, de sentidos do ser jovem em espaços e territórios da cidade. Taylor compreende a performance tanto como um objeto de análise, quanto como uma lente metodológica para compreender ações variada na vida cotidiana, urbana, midiática. Aqui nos apropriamos desta ideia de performance para compreender os slams, como ação incorporadas, corporificadas e o papel do corpo na transmissão do conhecimento, bem como os tempos e os espaços envolvidos que dão sentido às performances. Conjugando elementos das culturas letradas e não-letradas, midiáticas e cosmopolitas, os slams analisados apontam para aspectos do que Taylor chama de arquivo e repertório, nas formas de guardar tradições, usá-las, acioná-las, reinventá-las nestes corpos jovens em pleno século XXI, nas periferias de São Paulo. Estes modos de atualização e vivificação por meio dos corpos parecem apontar caminhos importantes para a expressão de sentidos do ser jovem, periférico, em seu tempo/espaço.

Cada um dos poemas apresentados nas diferentes edições do evento mereceria uma análise independente tal a densidade dos significados que oferecem. Alguns deles revelam tratamento poético de qualidade elevada. A crítica social é contundente e se dirige às múltiplas facetas das condições adversas em que vivem esses jovens, focalizando diferentes aspectos da sua existência. Seus poemas permitem considerar que são adolescentes e jovens que experimentam graus diferentes de vulnerabilidade material e de oportunidades, atravessados por violências de diversas ordens (étnico-raciais, de gênero, de classe e de local de moradia), questões de identidade em sua fase de formação pessoal em que condições de classe, gênero e raça têm relevo. Dado os limites deste texto e do próprio estágio da pesquisa que o originou, iremos aqui fazer um inventário preliminar e exploratório dos assuntos tratados nos poemas permitindo que sejam agrupados em algumas temáticas principais.

Os temas de crítica social são recorrentes em praticamente todos os poemas. O contexto de onde vêm os poetas é de regiões periféricas, favelizadas e vulneráveis fazendo com que se reconheçam como “jovens das quebradas”, como se expressa Igor de Souza Teixeira, aluno da E.E. Parque Continental Gleba e vencedor do Slam Interescolar realizado em 2017:

*É A VOZ DA QUEBRADA, É A VOZ DA QUEBRADA
SISTEMA NÃO ABALA!*

*A VOZ DA QUEBRADA,
QUE ENQUANTO NÃO TIVER VOZ NA SOCIEDADE,
NUNCA SERÁ CALADA*

O racismo ocupa papel de destaque e é denunciado na violência contra negros, em especial jovens, e na desigualdade de tratamento conferido a eles pela justiça e pela polícia. O medo da morte é anunciado e as imagens poéticas de luto e tristeza são intensas. Em alguns casos remete-se ao passado, seja para estabelecer uma ligação com a ancestralidade numa afrodescendência construída e performada ou para denunciar a exploração colonial dos corpos pela escravidão, na fala de Nicole do Amaral Serra, da E.E José Talarico:

*EU CANSEI DESSA PARTE DA HISTÓRIA SENDO ESQUECIDA
E NA CRUZ NA QUAL JESUS ESTAVA SUJEITO HOJE EM DIA
TENHA VOLTADO COMO UMA BALA PERDIDA
EU QUERIA QUE UM DELES OLHASSE POR NÓS E
NOS TIRASSE DA ZONA DE CONFRONTO POR QUE
EU TÔ QUASE ME CONVENCENDO DE QUE A
SIGLA PM SIGNIFICA PRETO MORTO*

As desigualdades sociais e de oportunidades são citadas muitas vezes associadas preconceito racial ou à origem de classe, em paralelo aos privilégios dos brancos ricos. A escola como solução é ora enaltecida, ora relativizada, e a meritocracia considerada uma falácia. A violência a que estão sujeitos os pobres, e em especial negros, é sempre citada em meio a expressões como “perder a infância” e alusões às armas, como salienta Michelle Souza, da E.E. Barnabé:

*AI QUE QUE VOCÊ ME DIZ QUE EU SEI POR UM MUNDO MELHOR
QUANDO TÁ NA CARA QUE ESTÁ LONGE DE ACONTECER JÁ PERDI AS
ESPERANÇAS DE QUANDO EU ERA CRIANÇA SE
EU BRINCAVA DE POLÍCIA E LADRÃO
HOJE NINGUÉM MAIS BRINCA FICOU REALISTA DEMAIS
TRÊS MENORES E MORRE NA QUEBRADA POR CAUSA DE BALA PERDIDA 2
ABALÁVEL DA POLÍCIA E NÃO SE ENGANE ACHANDO QUE A
BALA PERDIDA, AMIZADE, ELE TEM UM ALVO CERTO E TODO MUNDO SABE
QUAL É
SER PRETO E POBRE NA FAVELA*

Em contraponto a essas denúncias, há manifestações de necessidade de luta e resistência, sendo que o próprio *Slam* é citado como possibilidade. A pauta da defesa da negritude recorre às matrizes africanas, mas revela também referências do movimento

norte-americano na citação de músicas e personagens a ele relacionados tais como Martin Luther King. Na edição de 2020 o assassinato de George Floyd, acontecimento àquela altura recente, é mais do que uma vez citado assim como o lema de que “vidas negras importam”. Esses jovens mostram-se em profunda conexão com lutas e expressões que ocorrem em outras partes do mundo, fora de seus contextos imediatos. Os repertórios e formas de conexão da cultura digital esboçam-se como importantes “janelas” para o mundo (BRÁS, 2018), colaborando na composição de cosmopolitismos outros, nas muitas formas de elaborar sentidos cosmopolitas alternativos e periféricos se apropriando de dimensões globais nas culturas locais, como entrelugares de discursos e narrativas potentes (PEREIRA, 2017).

As questões identitárias formam outro núcleo importante de assuntos tratados e nesse ponto ressaltam-se as referências à intolerância aos grupos LGBTQIA+, em especial à homofobia, ainda que sem alusão explícita a outros componentes desse grupo tais como transsexuais. Aqui também as denúncias de violência se fazem presentes e frequentemente são mencionados sentimentos como medo e sofrimento. As críticas ao machismo, às ameaças de estupro e uma alusão isolada à sororidade fazem entrever sentidos de feminismos baseado na ideia de sermos todos iguais e merecedores de respeito. Nas palavras de Taís Silva de Andrade, da ETI Adelaide Rosa Fernandes M. de Souza:

*SE FICAR O BICHO COME
SE CORRER O BICHO PEGA QUER MORRER
A PAULADAS OU COM TIRO NA TESTA
É AQUELE MOMENTO MENINO SE DESESPERAR
VOCÊ ESQUENTAR MEU CORAÇÃO PULSAVA CADA
VEZ MAIS RÁPIDO O CORPO TODO SE TREMENDO
ENTÃO ELE SAIU ELE DIZ ME RENDO
DE REPENTE UM SILÊNCIO
E LÁ SE FOI MAIS UM JOVEM INOCENTE
MORTO VIOLENTAMENTE
A CADA 19 HORAS É UMA MORTE LGBT*

As críticas ao governo e questões políticas formam outro conjunto de temas. Nessa linha encontramos alusões à ocorrência de um golpe em 2013 com o *impeachment* de Dilma Rousseff, às mentiras do presidente Jair Bolsonaro, à ameaça de privatizações, inclusive do SUS (Sistema Único de Saúde), à má condução do combate à pandemia do COVID-19, ao desmatamento da Amazônia, às milícias e ao assassinato de Marielle

Franco. As referências ao uso do hino nacional nos poemas são feitas de forma irônica apontando a hipocrisia que tem marcado seu uso nos grupos direitistas no país. Aparecem também na perseguição às religiões de matriz africana como expressão de mecanismos de poder ao lado da preeminência de setores evangélicos considerados hipócritas e monetarizados. Também a mídia, tratada genericamente, é criticada embora a liberdade de expressão seja valorizada.

Os conhecimentos escolares figuram nos conteúdos históricos relativos à escravidão, colonização portuguesa e ditadura militar, temas sempre relacionados à situação vivida no presente. Em casos pontuais há referência a cânones literários e questões linguísticas. Mas não esqueçamos que estas referências chegam a estes jovens não apenas pela escola, mas também pelos inúmeros canais, suportes e conectividades das mídias digitais, com diferentes e atualizados sentidos.

Como esse inventário exploratório revela, as principais questões enfrentadas pela sociedade brasileira estão presentes nos poemas desses jovens com palavras fortes e versos cortantes. Em suas apresentações vibrantes e teatralizadas, sentimentos de desalento, medo, dor, tristeza, angústia e indignação são revelados. Percebe-se pouco otimismo no futuro. Mas, o alcance da *performance*, como prática artística e social, não se esgota em certo efeito catártico decorrente na própria revolta, que parece expressar transbordamentos e fissuras, numa aproximação possível entre as noções de *performance* e performatividade (COLLING, 2021).

Entre *performance* e performatividade⁴ (OPAZO, 2018), esses jovens, por meio do *Slam*, afirmam sua existência, produzem novas realidades e projetam a superação dos entraves sociais em que vivem. Ser um *slamer* passa a conferir um propósito para alguns, vindo a constituir uma carreira. Mas, em alguns poemas, o amargor revelado não é acompanhado de um projeto de futuro delineado com clareza, e isso pode ser desconcertante. Nas palavras de João Lucas da Silva, da EMEF Mauro Faccio Gonçalves Zacarias:

⁴ Performatividade é uma noção que ganha lastro nas Ciências Sociais e Humanas pelos estudos de Judith Butler e autores que vem fazendo uso desta noção para pensar diferentes identidades, reiterações, normatividades e processos de subjetivações de gênero, de raça, de classe. Performatividade significaria as ações reiteradas em discursos e nos corpos ao longo do tempo que conformam as normas socialmente instauradas sobre as identidades de gênero, configuradas como atos performativos. (Butler, 2018). Nesta concepção, a repetição também aponta para brechas possíveis de não reiteração de formas. Colling (2021) avança nesta discussão ao colocar em proximidade e articulação as noções de *performance* e performatividade (de gênero, foco do autor), mas que nos levam a pensar nas possibilidades mais amplas que esta aproximação pode gerar na compreensão de fenômenos como os dos slams juvenis. Por falta de espaço neste texto, abordaremos e aprofundaremos esta questão em outro artigo.

*MARGINAL MAIS CALMA SENHOR MARGINAL
MARGINAL EU SOU E EU FALO ISSO COM MUITO
AMOR NASCIDO NA PERIFERIA UM SOM MAIS UM
FAVELADO DE CAMISA LÁ E DAQUI É UMA
FALAR GÍRIA VOCÊ ASSIM EM TODO LUGAR QUE
EU FOR EU SOU MARGINAL MAS UMA COISA EU
DIGO EU SOU MARGINAL MAS EU NÃO SOU EU
NÃO SOU EU NÃO SOU EU NÃO SOU BANDIDO
EU NÃO SOU BANDIDO*

...
*SOMOS TODOS MARGINAIS COM CONSCIÊNCIA
JUNTOS MARGINAIS FORMAMOS A RES-EXISTÊNCIA*

Por meio de recursos literários, poéticos, afetuais/corporais e sensíveis, o *Slam Interescolar* traz depoimentos e narrativas pessoais. Nos poemas e suas performances, os jovens expressam representações de si e o caráter performativo que se manifesta é, por si só, ação e possibilidade de criar outras realidades que as decorrentes da condição de subalternidade, esboçando em suas performances, sentidos de performatividade do que é ser jovem, negro, periférico, como brecha para outras expressões de identidades e subjetividades.

Presente, passado e futuro: as articulações percebidas

As referências ao passado e à ancestralidade nos poemas vêm dos conhecimentos históricos escolares. Figuram sobretudo nos conteúdos relativos à escravidão, colonização portuguesa e ditadura militar, temas que são sempre relacionados à situação vivida no presente.

Cumprir notar que, ao recorrerem ao conhecimento histórico obtido a partir dos bancos escolares, estabelecem uma conexão entre escola e seu contexto, assumindo uma postura crítica. Mobilizando temas amplos como escravidão, exploração colonial e ditadura, com seus desdobramentos e suas implicações, exploram as condições históricas que deram origem às questões que afligem sua existência. Não se trata de memória, mas de história. Isso nos encaminha para questões que envolvem esses dois conceitos.

A partir dos anos 80 do século XX, as relações entre memória e história na produção do passado figuram no rol das preocupações dos historiadores. A produção do passado executada pela historiografia até há não muito tempo excluía da memória social a experiência das camadas mais desfavorecidas e silenciadas da população, sobretudo as originárias da escravidão. Ainda que haja um descompasso entre a produção acadêmica

e a história ensinada nas escolas, esta tem se renovado nas últimas décadas sob o impacto daquela. Isso pode ser observado nas referências feitas nos poemas a temas como ditadura militar e escravidão. Com efeito, esses jovens poetas recorrem à história em busca do direito à memória que lhes foi negado em meio a lacunas, silêncios e apagamentos dos vestígios do passado das gerações que os antecederam.

Nos poemas analisados a história exerce uma função operativa como recurso para produzir significado à existência social desses jovens e às suas subjetividades, estabelecendo uma ponte com a sua vida no presente. Mas, nesses poemas o devir está ausente e em seu lugar há um certo tom de desesperança. A produção de sentido que operam não parece ser suficiente para a construção de um projeto de futuro. Percebe-se um presentismo desconcertante o que nos dá a sensação de girar em círculos.

François Hartog colocou em questão a existência de regimes de historicidade através do tempo como formas específicas de articulação entre passado, presente e futuro, da Antiguidade aos nossos dias. Levantou a questão se estaríamos vivendo na contemporaneidade uma nova experiência do tempo e a emergência de um regime de historicidade marcado pelo presentismo. A sociedade ocidental moderna que durante dois séculos havia se orientado para o futuro, na esteira de um progresso contínuo, agora estaria vivendo em um presente onipresente marcado pelo imediato. Ressalta ainda que haveria diferentes formas de se viver esse “presente presentista” conforme o lugar social ocupado. Este poderia ser tanto um horizonte aberto – marcado pelos fluxos, aceleração e mobilidade – quanto por um presente em desaceleração, sem passado e sem futuro, em especial para grupos precarizados. E mais, o futuro seria vislumbrado como ameaça – pleno de catástrofes, causadas por nós mesmos em se tratando de meio ambiente - e não mais como uma promessa. O desemprego aparece aqui como um fator também a comprometer uma visão de futuro. Hartog identifica uma ampla dificuldade coletiva para “enxergar além” e escapar do presentismo, ali definido como um “presente único: o da tirania do instante e da estagnação de um presente perpétuo” (HARTOG, 2014, p.11-15).

Essas ideias nos ajudam a compreender a “desesperança” que se manifesta nos poemas que analisamos. Nestes poemas, não há futuro vislumbrado. Apenas uma sensação de revolta quanto ao presente, apresentado como resultante do passado. Passado e presente se articulam, há um movimento de um para o outro. Mas não se vai além. Como se não se pudesse dar o passo seguinte, e o andar patinasse sempre no mesmo lugar.

Entretanto, apesar disso, alguns sentidos transbordam, pela via das performances e de seu uso como lente para a compreensão dos fenômenos dos slams. Apesar de um sentido de desesperança expresso, há sempre um excesso de significado que ultrapassa e borra as fronteiras estabelecidas, abrindo espaços para a reflexão destes jovens, seus posicionamentos como sujeitos e na reiterada necessidade da resistência - como muitos expressam e de fato exercitam - podendo apontar para sentidos outros de futuros latentes e não hegemônicos. Pela via da presença, visibilidade e ação destes corpos jovens (por vezes dissidentes e não normativos), outros sentidos vão se construindo - ainda que não totalmente revelados na poesia verbal - de relações entre futuro, passado e presente não apenas presentistas - como nas leituras do norte global - mas em formas decoloniais de pedagogias de re-existência, pelas brechas possíveis no cotidiano destes jovens.

Considerações finais

O *Slam Interescolar* constrói uma ponte entre as escolas e seu entorno inserido em um contexto econômico, político e social mais amplo. Conjuga objetivos educacionais escolares com a crítica social, a construção da cidadania, formas de expressão juvenis e inserções outras. O evento se constitui como território educativo e se insere no conjunto das manifestações culturais das regiões periféricas da cidade de São Paulo com maior ou menor grau de institucionalização. Nas poesias autorais que criam, os jovens estudantes expressam seus modos de existir e reivindicam direitos e espaços culturais próprios utilizando seu corpo e sua voz, ultrapassando sua invisibilidade social e silenciamentos múltiplos. Afirmam sua identidade no campo da diversidade de gênero e racial. Em sua poética se inserem o vocabulário da juventude das periferias e os temas que atravessam sua existência, buscando construir sentidos de passado, presente e futuro para elas.

Em tudo isso, esse evento promove a afirmação da “existência”, “resistência” e “reexistência” dos jovens das periferias. É iniciativa valorosa e sua continuidade, se garantida, terá repercussões significativas na formação e experiências cotidianas dos jovens que dele participarem.

A presença dos *slams* em escolas nos coloca frente a outra questão importante: os movimentos culturais e suas relações com as institucionalidades: O que se modifica (ou não)? Quais usos podem ser feitos? Quais os limites e possibilidades abertos aí? E mais: quais os sentidos do uso pedagógico dos *slams* em escolas? Como tensiona e se relaciona

com outras práticas culturais e midiáticas destes jovens para além dos muros da escola? Esses temas devem ser aprofundados num artigo posterior.

Aqui neste artigo buscamos pensar nas potências dos slams, e deste interescolar em particular, como possibilidade de expressão e autoria destes jovens, no que revelam de suas posturas críticas, denunciantes, resistentes, e de que maneira - entre performances e performatividades múltiplas - esses jovens parecem apontar para formas de elaborar regimes de historicidades próprios e formas de re-existência em pedagogias e gramáticas decoloniais, insurgentes, alternativas.

REFERÊNCIAS

ALBÁN ACHINTE, A. **Prácticas creativas de re-existencia: más allá del arte... el mundo de lo sensible**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2017.

BRÁS, J.M. **Funk ostentação SP-ZN**. São Paulo: Ed. Appris, 2018.

BUTLER, J. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Chão da Feira**, Caderno n. 78, p. 1-16, 2018.

CARVAJAL, C.; BORELLI, Silvia; PONTUAL, Pedro C. **Cultura como vetor de proteção**. São Paulo: EDUC, 2019. Ebook

COLLING, L. O que performances e seus estudos têm a ensinar para a teoria da performatividade de gênero? **Urdimento**, Florianópolis, v. 1, n. 40, mar./abr. 2021.

FERNANDES, C.; HERSCHMANN, M. Música, sons e dissensos: a potência poética feminina nas ruas do Rio. **Matrizes**. v.14, n. 2, maio/ago. 2020

Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam Interescolar. Org. Coletivo Slam da Guilhermina. São Paulo, 2021.

HARTOG, F. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MIGNOLO, W. **Trayectorias de re-existencia: ensayos en torno a la colonialidad/decolonialidad del saber, el sentir y el creer**. (org. por Pedro Pablo Gómez). Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2015.

NEVES, C. Slams - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. São Paulo. **Linha d'água** (on-line), v.30, n.2, p.92 -112. 2017.

OPAZO, Ú. P. S. C. ¿Acción, puesta en escena, evento o construcción audiovisual? Una breve introducción al concepto de performance en humanidades y en música. **Cuadernos de Musica, Artes Visuales y Artes Escenicas**, n.13, v.1, 2018. p. 207–231.

PEREIRA, S.L. Música, cosmopolitismos e cidades: experimentações juvenis das migrações em São Paulo. **INTERIN**, v. 22, n. 1, 2017.

PEREIRA, S.L. Temos nosso próprio tempo: memória, temporalidade, consumo e imaginários juvenis sobre a década de 1980. In: ROCHA, R.M.; PERES-NETO, L.(orgs.) **Memória, Comunicação e consumo: vestígios e prospecções**. Porto Alegre: Sulina, 2015. P. 93-109

ROCHA, R.M.; PEREIRA, S.L. O que consomem os que não consomem? Ativistas, alternativos, engajados. **Intercom – RBCC**. São Paulo, v.41, n.2, p.107-120, maio/ago, 2018.

TAYLOR, D. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

VELOSO, A.C. et al. Slam das Minas RJ: a articulação das mulheres pela poesia e pelo território. In: PEREIRA, S.L. et al (orgs.). **Comunicação e Culturas urbanas: temas, debates e perspectivas.** São Paulo: Ed. Intercom, 2021. p. 531-551.

WALSH, C. **Pedagogias Decoloniales: práticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir.** Quito/Equador: Editora Abya-Yala, 2017. (Serie Pensamiento Decolonial).

YUDICE, G. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global.** Belo. Horizonte: Ed.UFMG, 2006.

ZUMTHOR, P. **Introdução à poesia oral.** São Paulo: EDUC/Hucitec, 1997.

Vídeos

VI Slam Interescolar – Final Ensino Fundamental

<https://www.youtube.com/watch?v=zZxGXxZ8gkk&t=1312s>

VI Slam Interescolar – Final Ensino Médio

<https://www.youtube.com/watch?v=zZxGXxZ8gkk&t=1312s>